



Recebido em: 27/08/2023

Aprovado em: 28/09/2023

Publicado em: 29/12/2023

A HISTÓRIA SOCIAL DO DESENVOLVIMENTO DO CONCEITO DE RAÇA NOS ANIMAIS HUMANOS

THE SOCIAL HISTORY OF THE DEVELOPMENT OF THE CONCEPT OF RACE IN HUMAN ANIMALS

SOCIALA HISTORIO DE LA DISVOLVIËO DE LA IDEO PRI RASO EN HOMAJ BESTOJ

Skátos Dietmann Von Göttheit²⁸

Resumo

O conceito de raça, dentro dos círculos tanto esotéricos quanto exotéricos da sociedade relacionada com a ciência, permanece majoritariamente confuso, ambíguo e místico. Devido a isso, esse artigo objetiva esclarecer o que é a raça sob uma perspectiva evolutiva sociobiológica baseada na tese de que o que a define seja a causa a qual pertencem os elementos vivos de seu conjunto, ou seja, a criação ou origem dos seres vivos, e se esta é única ou múltipla, com base em uma revisão literária histórica dos evolucionismos e nos critérios de demarcação para raça e sub-raça, isto é, os graus e tipos de aptidões orgânicas dos indivíduos. São analisadas também as naturezas dessas origens e a estreita relação entre filogenia e ontogenia ao longo das evoluções raciais, bem como das formas que elas foram representadas, tais as árvores da vida e o crescimento ortogenético, à luz da arte e ciência.

Palavras-chave: Sociobiologia. Evolução. Sociedade. Ciência. Espécies.

Abstract

The concept of race, in both esoteric and exoteric circles of society related to science, remains predominantly confused, ambiguous, and mystical. Because of this, the article aims to clarify the concept of race from an evolutionary sociobiological perspective based on the thesis that what defines it is the cause to which the living elements of its set belong, that is, the creation or origin of living beings, and whether this is singular or multiple. This clarification is based on a historical literary review of evolution theories and on the criteria for demarcating race and sub-race, that is, the degrees and types of organical aptitudes of individuals. The character of these origins are also analyzed, as well as the close relationship between phylogeny and ontogeny throughout racial evolutions, and how they were represented, such as the trees of life and orthogenetic growth, under the illumination of art and science.

²⁸ Graduando em Licenciatura em Ciências Sociais pela IFPR Campus de Paranaguá. Suas áreas de interesse são ciências sociais evolucionista, ciências sociais computacionais, sociocibernética, sociobiologia, sociofísica, sociocosmologia. E-mail: agapi.skatos@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8647-9619>.



Keywords: Sociobiology. Evolution. Society. Science. Species.

Resumo

La ideo pri raso, kaj en esoteraj kaj en ekzoteraj rondoj de la socio, rilatigita al scienco, restas daŭre konfuza, dubsenca kaj mistikema. Tial tiu ĉi artikolo celas klarigi kio estas raso, laŭ sociobiologia evolua perspektivo, bazite sur la tezo pri tio ke, kio ĝin difinas estu kaŭzo komuna al ĉiaj aroj da vivelementoj, tio estas, kreado aŭ deveno de vivantaj estaĵoj, kaj se tio estas unika aŭ variegata fenomeno, surbaze de literatura historia reviziado de evoluismoj kaj de kriterioj por limigo de raso kaj subrasoj, tio estas, gradoj kaj tipoj de organismaj lertecoj de la individuoj. Ankaŭ estas analizotaj la naturo de tiuj devenoj kaj la intima rilato inter filogenio kaj ontogenio laŭlonge de rasaj evoluoj, tiel kiel de la manieroj laŭ kiuj ili estis reprezentitaj, kiel la “arboj de vivo” kaj ortogenetika elkreskado, laŭ arta kaj scienca vidpunktoj.

Ŝlosilvortoj: Sociobiologio. Evoluo. Socio. Scienco. Specioj.

“Digamos a verdade: não estamos buscando “qualquer civilização”, mas sim antes de tudo uma civilização antropomórfica.”

Summa Technologiae, Stanislaw Lem, p. 77

“No princípio, o homem procurou observar o mandamento: “Não matarás”; mais tarde, “Amarás teu próximo como a ti mesmo”. O mandamento desta era é este: “Amarás a tua espécie como a ti mesmo.”

O Decrescimento, Nicholas-Georgescu Roegen, p. 156

“Se é possível conceber a evolução como tendo um objetivo desde o começo e sendo providencial em seu conjunto [...] também é possível concebê-la como culminando em alguns seres capazes de conferir a si mesmos um objetivo e de seguirem para esse objetivo arrastando atrás deles a natureza. A seleção natural se transformaria, assim, finalmente em uma seleção moral e, de alguma forma, divina. [...] Quem sabe mesmo se a evolução não poderá ou já não pôde fazer aquilo que os antigos chamavam de “deuses”?”

A Irreligião do Futuro, Jean-Marie Guyau, p. 795



Convém definir, etimologicamente e axiologicamente, o que é a raça.

A teoria de Buffon sobre os reinos a quais cada classe de seres vivos pertence, conhecida como especiação biogeográfica, como observa Bachelard (2005), é reflexo de sua filosofia epocal monarca; o leão é o “rei” da selva porque Buffon pensa a selva como um espaço instituído de coroas zoomórficas, mas ainda assim coroas. O cavalo é um animal nobre porque era desde então o animal em que a nobreza cavalgava.

Esse ensimesmorfismo que é basilar das teorias científicas baseadas nas protoideias culturais dos seus inventores já fora observado há muitos anos por Xenófanos:

Mas se tivessem mãos os bois, os cavalos e os leões, quando pintassem com as mãos e compusessem obras como os homens, cavalos como cavalos, bois semelhantes aos bois pintariam a forma dos Deuses e fariam corpos tais como fosse o próprio aspecto de cada um. Os etíopes dizem que seus Deuses são negros de nariz chato os trácios dizem serem de olhos verdes e ruivos. (apud BURNET, 1920, p. 81)

Sendo assim, veremos ademais outras definições naturalistas como “superorganismo” (SPENCER, 2015), “mutualismo” (KROPOTKYN, 2021), “atavismo” (TARDE, 2013), “espécie” (GUMPLOWICZ, 1899) (ESPINAS, 1924), “organismo real” (LILIENFELD, 2018), “corpo” (SCHÄFFLE, 1896), “disgênico” e “eugênico” (GALTON, 1892) que seriam usadas posteriormente, reapropriadas e reaproveitadas pela escola sociológica de pensamento spenceriana, sobretudo na sociologia de Franklin H. Giddings, notável pelo seu conceito de “consciência de espécie” (GIDDINGS, 1897) que se contrapõe à consciência de classe de Marx.

A raça, entretanto, merece uma atenção destacada. Parte do princípio biológico da especiação. Darwin, que a popularizou, mas não é o criador, assim como a seleção natural, cujo criador e conceituador foi Patrick Matthew, a observou em diversos animais em nível fenotípico - manchas, listras, formas diversas em uma mesma espécie. Aprofundemos a questão.

A pele clorofilática das plantas, que se estende de toda a base da superfície até sua flor ou copa, deve sua coloração à uma agrupação molecular chamada clorofila. Esta agrupação absorve dos raios solares todos os espectros coloridos, há não ser o



verde - este ele o reflete. Ou seja, a sua coloração esverdeada é causada por um fator genotípico (clorofila) mas que controla a manutenção de um espectro exterior que se projeta nele, mas não emana dele (espectro verde das ondas). Logo, a raça, nas plantas, se sua aplicação fosse devido ao fator de pigmentação, seria infundado, pois seu pigmento não é “seu”, mas sim do sol, apenas refletido, assim como a imagem refletida em um espelho não é o espelho em si, mas quem por ele é refletido.

O cientista Fred Hoyle lançou as bases de uma de duas hipóteses sociobiológicas a serem discutidas aqui. No artigo *Towards an understand of the nature of racial prejudice*, ele fala:

É um fato irrefutável que a evolução humana ao longo de 2 milhões de anos levou à emergência de dois grupos distintos de povos, um de pele clara, outro de pele escura. A diferença da aparência entre esses grupos depende de uma eficiência variável na produção do pigmento da melanina. A melanina é produzida em um grupo especial de células conhecidas como melanócitos, que estão localizadas na base da epiderme, e embora a densidade dessas células permaneça razoavelmente invariável, a eficiência da expressão gênica da melanina é altamente variável. Uma multiplicidade de genes parece estar envolvida na produção de melanina, e a situação geral para a expressão da melanina é fortemente influenciada por fatores genéticos. Essa expressão tem variações notáveis ao longo do tempo, e essas variações podem ser influenciadas por eventos históricos, como os períodos de intervalos de aproximadamente 10.000 anos atrás, possivelmente devido ao impacto de um pequeno corpo cometário. Durante as eras glaciais, a temperatura média da superfície da Terra estava cerca de 10 graus Celsius mais fria do que os dias atuais, e as camadas de gelo eram cerca de três vezes mais extensas do que são no presente. As condições da era glacial eram secas e empoeiradas, com baixas taxas de evaporação e precipitação; possivelmente cerca de 30 vezes mais baixas em média do que na época atual. Tribos nórdicas de pele branca que viviam próximas às extensas camadas de gelo sob céus cinzentos estariam lutando para sobreviver, obtendo qualquer alimento que pudesse ser recolhido e utilizando cada fóton de luz ultravioleta do sol para se manterem vivas e livres de raquitismo e osteomalacia. Para eles, a sobrevivência dependia crucialmente da supressão de seus genes para a melanina. No entanto, para as pessoas que viviam nos trópicos, as condições mais secas da era glacial, com menos cobertura de nuvens do que atualmente, teriam resultado em uma inundação implacável de radiação ultravioleta sobre suas peles. A sobrevivência para eles dependia da expressão mais completa de seus genes para a melanina, sendo o mais escuros possível. No decorrer de migrações aleatórias, as populações brancas que viviam nas bordas das camadas de gelo estariam em risco devido a cruzamentos aleatórios com pessoas de pele mais escura. Cruzamentos entre negros



e brancos tenderiam a produzir descendentes de pele mais escura e, portanto, mais propensos ao raquitismo. Cada vez menos dessas crianças malformadas atingiriam a idade reprodutiva, logo, cruzamentos entre negros e brancos representavam uma ameaça real de extinção para as raças brancas. Sob tais circunstâncias, o surgimento de proibições de cruzamento e preconceito de cor seria um resultado natural. O preconceito se tornaria profundamente enraizado em tradições sociais, linguagem, mitologia e religião. Assim, a representação de Satanás como uma figura negra não pode ser considerada acidental, nem a associação do mal em geral com a negritude.” (HOYLE, Fred; WICKRAMASINGHE, Chandra, 1999)

Devemos ter atenção também sobre a alienação de propriedades nos seres vivos que divergem de reinos. A exemplo, temos anfíbios e artrópodes que compartilham da mesma pigmentação esverdeada das plantas, e de fato se camuflam delas, no que se é conhecido como aposematismo. Isso se deve à um fato muito simples: essas espécies compartilham os mesmos genes responsáveis pela pigmentação igualmente expressos, embora armazenados em diferentes agrupamentos (enquanto nas plantas se armazenam na clorofila, nos anfíbios e artrópodes se escondem em outras agrupamentos moleculares). As lulas de Humboldt, que variam sua coloração entre doze palhetas de cores, possuem uma enorme quantidade de genes, dos quais muitos deles certamente são compartilhados com outros seres vivos que são do mesmo espectro dessas pigmentações.

A hipótese de Hoyle é sustentada por evidências (JABLONSKI; CHAPLIN, 2000) (KOBAYASHI; YASUMURA, 1973), de modo que as adaptações climatológicas de uma raça sejam mortais à outra raça se absorvidas por hereditariedade de genes dominantes que expressam as necessidades da melanina e atrofiam as resistências adquiridas pelos habitantes daquele nicho ecológico que pouco há a oferecer aos que carregam consigo melanina abundante.

Destarte, a outra hipótese é que o racismo que se encontra hoje não tem causas sociais modernas, mas sim uma fixa predecessora e que padronizou comportamentos que até hoje se testemunham. Imagine, pois, que um animal tenha sido ameaçado por outro animal e a fim de identificá-lo, utiliza como elemento de identificação o modelo da cor. Ele então estende e generaliza essa coloração como um signo de ameaça e inimizade a todos que a possui, pertencentes da espécie original a de seu predador zero ou inimigo zero, mas também às espécies alheias como à própria espécie do animal que sofreu esta intimidação. Temos, então, um modelo dinâmico e versátil de explanação



aos racismos baseados não só nas raças de diferentes pigmentos, como a entre negros e brancos, como a de mesmas pigmentações, como judeus e palestinos, judeus e alemães, tribos indígenas vizinhas, coreanos, japoneses e chineses, dentre outros, desde que se tenha como critério base um algoritmo extensor e generalizador em potencial, que pode ser tanto de natureza natural, como a cor, quanto artificial, como uma moda. Neste último caso, os estereótipos, a cultura,

Mas e quanto aos humanos - ou mais devidamente, aos negros?

Para haver raça, é necessário um fator além dos genótipos e fenótipos expressos. Esse fator é o que está por trás da especiação: a forma de perceber e agir sobre o mundo, dependente de seus sentidos orgânicos. E dentro da espécie humana, todas as cores reconhecidas mundialmente em um sistema geral (branca, preta, amarela, marrom, vermelha) compartilham de uma forma de perceber o mundo (isto é, têm em comum os mesmos sentidos e no mesmo grau expresso de percepção) e uma forma de agir nele (de mudá-lo, de terraformá-lo), que são idênticas em potencial, o que insustenta a teoria de raças dentro dessa espécie. Em outras palavras, para se haver raça é preciso que exista uma diferença de tipo, nem de grau tampouco de subjetividade, ou seja, sê-lo completamente diferente de todas as criaturas terrestres. É um fato muito notável, aliás, que esta espécie, a humana, seja praticamente a única conhecida que não subsiste sub-raças dentro dela. Isto pode ser explicado, pelo menos, por três motivos: o tamanho do ser humano especializou-o em uma única forma de nutrição comportamental que é a onívora, não sendo ela aprimorada em uma seta específica da alimentação como a de roedor, saprófago, herbívoro, autotrófico, etc... que possibilitasse uma especiação; a sua inclinação em exterminar seus semelhantes como foi constatado e documentado pelas evidências arqueológicas e paleontológicas da antropologia; e o fato de sermos uma espécie que não diversifica suas habitações em diferentes ecossistemas, logo não nos divergimos sob efeito de adaptações aos nichos ecológicos.

A grande descoberta de Darwin no século XIX foi a da inexistência de raças através de um ancestral em comum de todos os seres vivos. As suas posições políticas contra a escravatura e em favor do abolicionismo (DESMOND; MOORE, 2009) impulsionaram o desenvolvimento de sua teoria para dar à essa luta um esqueleto de provas científicas forte o bastante para sustentar seu corpo.



A partir do programa espacial feito em colaboração da URSS com os EUA, uma série de engenheiros espaciais, dentre eles Tsiolkovsky, Kardashov, Shklovski, Baumstein, Sagan, Drake, Von Hörner, Bracewell, Dyson formularam, cada um à sua maneira, o que o sociociberneticista Stanislaw Lem denominou de *sociologia metagaláctica* (LEM, 2017), isto é, a forma como cada sociedade do cosmos evolui e interage uma com a outra, sendo a primeira das interações simplesmente a prova de que elas existem comunicando-se de forma que possam ser visualizadas de alguma forma por alguma sorte de sinal intergaláctico.

Isso reabre a cortina da discussão da existência das raças, pois confronta, querendo ou não, a própria ideia do darwinismo universal (DAWKINS, 1983) de que a vida evolui da mesma forma em todos os lugares, ou de que a evolução está em estacionária evolução, não mais evoluindo ela própria. Dito de outro modo, a verdadeira polêmica é: se a vida existe fora da Terra, nem todas as formas de vida descendem de um ancestral em comum; e se essas mesmas vidas que existem fora da Terra puderam entrar em contato com a Terra, não é mais improvável nem impossível que uma panspermia de mais de um ancestral em comum (ARRHENIUS, 1903), um terrestre e outros extraterrestres, tenham evoluído e feito surgir a vida que há na Terra, algumas das quais desafiam as convenções do modelo selecionista darwiniano.

Como disse a filósofa Hannah Arendt em *A Condição Humana*:

Em 1957, um objeto terrestre, feito pela mão do homem, foi lançado ao universo, onde durante algumas semanas girou em torno da Terra segundo as mesmas leis de gravitação que governam o movimento dos corpos celestes - o Sol, a Lua e as estrelas.

[...] A reação imediata, expressa espontaneamente, foi alívio ante o primeiro “passo para libertar o homem de sua prisão na Terra”. E essa estranha declaração, longe de ter sido o lapso acidental de algum repórter norte-americano, refletia, sem o saber, as extraordinárias palavras gravadas há mais de vinte anos no obelisco fúnebre de um dos grandes cientistas da Rússia: “A humanidade não permanecerá para sempre presa à Terra”.

[...] A banalidade da declaração não deve obscurecer o fato de quão extraordinária ela é, pois embora os cristãos tenham chamado esta terra de “vale de lágrimas” e os filósofos tenham visto o próprio corpo do homem como a prisão da mente e da alma, ninguém na história da humanidade jamais havia concebido a Terra como prisão para o corpo dos homens nem demonstrado tanto desejo de ir, literalmente, daqui à Lua. Devem a emancipação e a secularização da era moderna, que tiveram início com um afastamento, não necessariamente de Deus, mas de um deus que era o Pai dos homens no céu, terminar com um



repúdio ainda mais funesto de uma Terra que era a Mãe de todos os seres vivos sob o firmamento? (ARENDRT, 2007, p. 9-10)

Freeman Dyson, cientista conhecido excepcionalmente por suas grandes invenções teóricas como a esfera de Dyson e a árvore de Dyson, argumenta dentro do seu projeto de colonização espacial que existem três grandes obstáculos a serem vencidos na adaptação de espécies da Terra à vida no espaço, no caso a necessidade de aprenderem a sobreviver em g-zero, T-zero e P-zero, ou seja, gravidade zero, temperatura zero e pressão zero (DYSON, 1988). Seria difícil a um antropólogo não lembrar das questões de alteridade alocrônicas e esquizocrônicas (FABIAN, 2013) que motivaram os projetos europeus de colonialismo e neocolonialismo ao se defrontar com esse espaço-colonialismo, há não ser pelo estranho fato de que o objeto e o sujeito estabelecido pela antropologia neste caso é tão difícil de identificar que me sinto na licença de invocar a expressão de Oliver Sacks para se referir a esses “antropólogos em Marte” (SACKS, 1995), se não fosse pela ironia de que não estamos procurando formas de vida não-antropológicas, mas sempre antropóides, humanóides, no nosso nível ou superiores a nós, e mesmo se superiores, ainda de certo modo, semelhantes a nós e, definitivamente, que possamos as alcançar, em nossa arrogância.

Um cientista social que seja formado sob a ortodoxia marxista, weberiana ou durkheimiana provavelmente pode ter se perguntado, ao longo desse texto, qual é a validade de se inserir questões biológicas e cosmológicas em uma discussão sobre a raça, algo que ele deve reclamar como questão da antropologia. Ora, minha resposta natural é que a validade é enorme, mas expliquemo-a.

Em 1975 o biólogo Edward O. Wilson publicou uma obra que teve um grande impacto em muitos acadêmicos, bem como a eu mesmo, chamada *Sociobiology: The New Synthesis* (WILSON, 2000), em que descrevia as bases biológicas da sociabilidade dos seres vivos, e apresentava uma série de recursos, ferramentas, métodos que me soavam como extraordinárias para o estudo sociológico e que poderiam servir para a sociologia avançar muito no tempo como ciência. Um tempo depois, dentro da academia eu desenvolvi uma série de investigações sob o nome de uma disciplina a parte chamada *sociocosmologia* que pretendia por explicar as bases cosmológicas, físicas da sociabilidade de tudo o que existe. A influência pessoal é óbvia, mas a questão é outra: dentro de uma base, há outra base, que detrás desta por vez há outra



base, *ad infinitum*, ou como diria o filósofo Heráclito de Éfeso: “A natureza ama ocultar-se”. Por isso é importante inserir estas matérias, não por uma questão de hierarquia, mas de estrutura a fim de ver a totalidade do objeto e sujeito de estudo.

O conceito de raça, afinal, significa nada mais do que onde e do que se originou o ser, e se foi monogenista ou poligenista, por via natural ou divina.

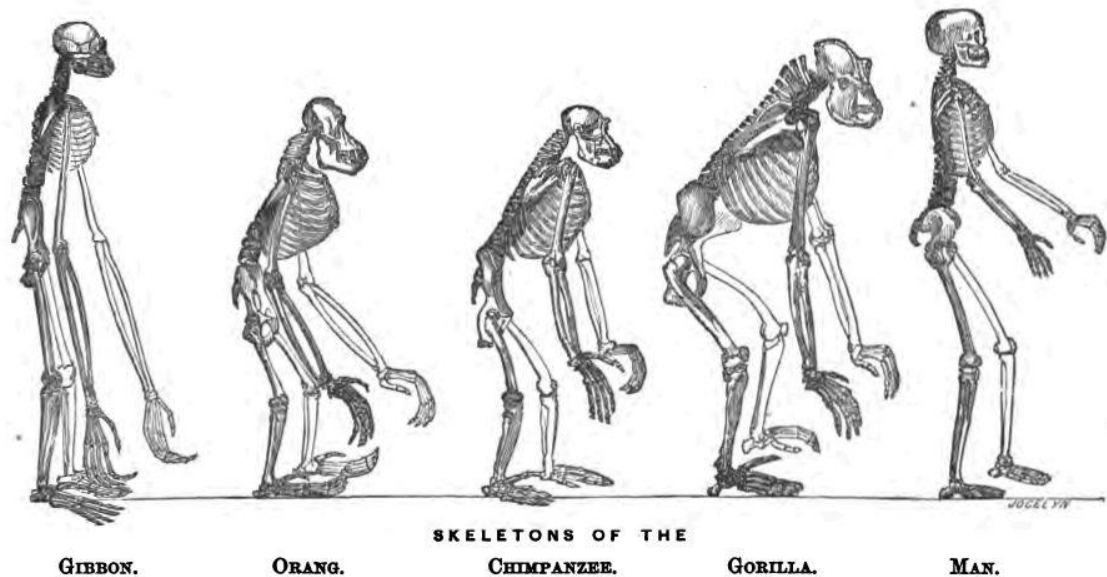
O século XIX foi, talvez, o momento de guerra mais acirrado sobre o conceito de raça. Esse verdadeiro tabu aconteceu a partir da grande batalha entre os biólogos evolucionistas, liderados por Thomas Huxley, e os membros da Igreja, liderados pelo bispo Wilberforce.

Huxley foi um dos primeiros a realizar o que chamamos de estudo comparado na ciência, ao publicar um conjunto de evidências demonstrando as semelhanças entre os demais primatas com o ser humano, assim podendo provar uma linha hereditária e a ascendência humana com os primatas, e possivelmente a prova de uma única raça, expulsando a desigualdade de pelo menos um dos seus lugares existentes na ciência.

Publicado em 1963, Huxley ilustrou essas semelhanças através dos esqueletos de gibão, orangotango, chimpanzé, gorila e humano, como consta na figura (1). A ortogenética dela é evidenciada pelo modo como que a postura ereta e a cabeça erguida possibilitaram uma aquisição cultural e social avançada pelo ser humano (INGOLD, 2015). Huxley, ao contrário de Darwin, que havia comparado os seres humanos com os chimpanzés, escolheu como comparação mais próxima os gorilas, que tinham sido recentemente descobertos pela ciência ocidental, em 1847, e estavam presentes na consciência coletiva e pública mais do que qualquer um dos outros (WRANGHAM; PETERSON, 1998). Ele reuniu uma vasta coleta de evidências não apenas da sua conjectura disciplinar e das pesquisas nacionais suas, como de áreas da embriologia, anatomia, fisiologia e antropologia, dos mais diversos cientistas.



Figura 1 - O Lugar do Homem na Natureza, de Mr. Waterhouse Hawkins (HUXLEY, 1894)



Photographically reduced from Diagrams of the natural size (except that of the Gibbon, which was twice as large as nature), drawn by Mr. Waterhouse Hawkins from specimens in the Museum of the Royal College of Surgeons.

De fato, Huxley é um grande exemplo de quão importante é o estudo comparado nas ciências, inclusive as ciências sociais. Para se ter uma ideia de o quanto ela deve ser valorizada, considero pertinente citar um relato do antropólogo Napoleon Chagnon sobre os yanomamis e sua crítica aos antropólogos que se limitaram a apenas uma tribo de estudo ao longo de sua vida, não visitando as vizinhas nem fazendo estudos comparados:

Depois que terminou meu recenseamento em Mömariböwei-teri - a principal finalidade da minha visita -, saí para caminhar pela aldeia e conversar um pouco com os moradores. Para mostrar-lhes o quanto eu sabia sobre as pessoas e os lugares ianomâmis, mencionei baixinho o nome do cacique de Bisaasi-teri e um incidente que envolveu nós dois. Havia vários adultos ouvindo quando fiz o meu comentário.

Morador de Mömariböwei-teri: [com risinho sarcástico] Quem? Não estou reconhecendo esse nome!

Chagnon: O cacique de lá! [cochichando o nome outra vez]

Morador de Mömariböwei-teri: [soltando uma risada irreverente] Com quem ele é casado?

Chagnon: O nome dela é Nakaweshimi. Vocês com certeza a conhecem...

Todos os moradores de Mömariböwei-teri que estavam por ali: (gargalhadas e tapas nas coxas até as lágrimas escorrerem dos olhos)

Fiquei vermelho de vergonha e raiva enquanto a notícia se espalhava pela aldeia e todas riam histericamente.



O nome que tinham me dado para a esposa do cacique dos bissau-teri, Nakaweshimi, se traduz como algo muito vulgar, como “Boceta Peluda”. Ficou claro que os bisaasi-teri tinham conspirado para me contar um monte de mentiras colossais sobre os nomes das pessoas. Cada informante bisaasi-teri relatava para meus outros informantes, em detalhes, os nomes falsos que havia me fornecido. Eles tinham inventado “novos” nomes para quase todos os adultos residentes na aldeia... e também para a maioria das crianças mais velhas. Deve ter sido uma brincadeira bem demorada e elaborada, já que envolvia pessoas das duas aldeias, do Alto e do Baixo Bisaasi-teri.

Boceta Peluda era casada com o cacique Pau Comprido, seu filho mais novo era Buraco do Cu, e assim por diante. E todos esses nomes me tinham sido informados solenemente, com a cara mais séria, cochichados baixinho no meu ouvido e seguidos pela solene advertência: “Não conte para ninguém que eu te falei esse nome!”.

Se eu não tivesse ido para outra aldeia e mencionado, inocentemente, esses nomes “secretos”, não faria a menor ideia da elaborada traquinagem que os bisaasi-teri fizeram comigo. Fiz essa descoberta uns seis meses depois de começar meu trabalho de campo!

E se eu tivesse voltado para casa antes disso e escrito minha tese de doutorado utilizando essas informações? Muitos antropólogos fazem seu trabalho de campo em menos tempo ainda, e em geral em uma única aldeia, ou seja, não podem cruzar as informações com pessoas de fora. A maioria dos antropólogos também relata que a organização social da tribo que estudaram é totalmente baseada no parentesco; mas poucos informam de que maneira chegaram a essa conclusão e se ela se baseia nas genealogias que coletaram para embasar sua tese. (CHAGNON, 2014, p. 82-83)

O fato é que não basta sermos apenas nós imparciais em nossa cientificidade, mas é necessário forçar aos objetos e sujeitos de estudo a imparcialidade, pois eles são encontrados em seus estados naturais sempre como parciais. Isso se mostra onipresente em todas as áreas científicas, desde a inconfiabilidade dos relatos únicos na antropologia à dualidade onda-partícula da física. A natureza ama mesmo se ocultar.

O conceito social de raça é uma construção social a favor de conveniências opressoras e dominantes. Destarte, se na sociologia ela parou de ser modificada para sobreviver, a sua sentença biológica, a sobrevivência do mais apto, sofreu sim modificações para persistir escondida nela até os dias atuais. A luta de classes (MARX, 1998) pode ser interpretada como uma competição de espécies; a sobrevivência do mais preeminente de Gaetano Mosca (MOSCA, 1992) (MOSCA, 1939) pode ser interpretada como a versão suavizada da sentença spenceriana; a consciência de espécie de Franklin H. Giddings (GIDDINGS, 1897) equivale à seleção de parentesco



descoberta por William D. Hamilton (HAMILTON, 1964) e a estampagem de Konrad Lorenz nos animais como aves (LORENZ 1952), dentre outros casos.

A ambiguidade do conceito de raça ainda pode sobreviver, e efetivamente ele sobrevive sob o carimbo de historiadores e teóricos da escola marxista sobremaneira, como Angela Davis, Bell Hooks, Frantz Fanon, Achille Mbembe, Lélia Gonzalez, dentre outros. Lukács, em *A Destruição da Razão*, é o maior compilado de sínteses dessa corrente de pensamento, traçando uma genealogia das teorias das raças por Gobineau, Gumpłowicz, Ratzenhofer, Woltmann, Chamberlain, Rosenberg, Boullainvilliers e Vollgraf, porém, sua pesquisa é um tanto quanto enviesada, no sentido de procurar por vieses de confirmação de sua própria ideologia e doutrina particular. O que Lukács diz, afinal, é que a estrutura propulsora das teorias das raças eram as motivações políticas por trás delas que prescindiam de certos mitos científicos, e, com efeito, foi mesmo o que fez o Conde de Boullainvilliers quando escreveu, nos primórdios do século XVIII, uma obra cujo argumento era que a nobreza francesa descendia dos francos, e os miseráveis seriam descendentes dos gauleses, e que estas duas raças supostamente teriam se combatido em uma guerra durante a conquista do país (LUKÁCS, 2020).

Com demasia eficácia os governantes conquistam seus povos professando a eles que, desde a primeva dos tempos eles já eram conquistados. Eis a metafísica do poder político.

Na realidade, foi graças a essas espécies de debates políticos que prescindiam de competições de verdadeiras corridas armamentistas em busca de recursos de provas científicas para si que aconteceu, e ainda ocorre, esta confusão dos conceitos de raça com classe, casta, estamento, dentre outras classificações sociológicas.

Epistemologicamente, a economia e a biologia sempre promoveram entre si um intercâmbio epistêmico de conceitos, que ao fim culminou na ciência da sociologia.

Bernard Shaw mostrou criticamente o como que a reação negativa da economia à biologia foi, até o final do século XIX, a exceção, e não a regra, com pensadores como Nietzsche e Marx a serem os primeiros grandes aversos à esse intercâmbio, principalmente na importação das dinâmicas orgânicas à modelos políticos por Edmund

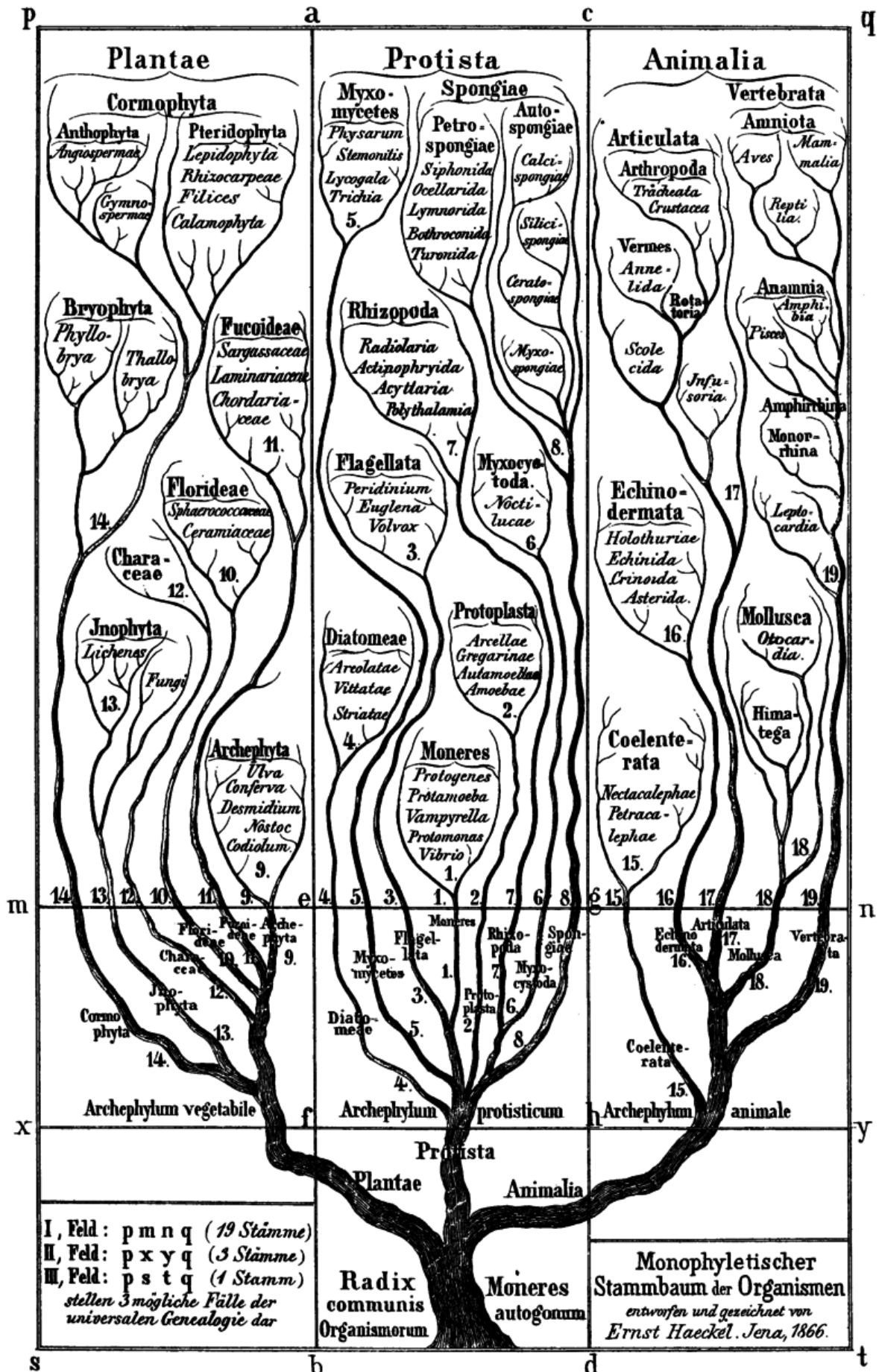


Burke e da inevitabilidade da luta pela competição por território derivada das equações populacionais de Thomas Malthus pelos darwinistas. (SHAW, 1953)

Ora, cabe a nós indagar: a raça realmente se mistura com fatores sociais como classe, castas, estamentos, gênero, crenças? E em que medida a própria raça não é algo social? Para tal, é imprescindível a utilização de disciplinas de conhecimentos modernas como a epigenética e a proteômica a fim de responder essa questão.

Ernst Haeckel foi pioneiro em introduzir o modelo de árvore ascendente para os diagramas genealógicos evolutivos, o que foi seguido desde então por grande parte da academia científica. As figuras (2), (3) e (4) exibem, respectivamente, o modelo de Haeckel, desenhado por ele próprio e representando a evolução darwiniana (HAECKEL, 1866); o modelo da árvore da vida simbiogênico, desenhado por Konstantin Mereschkowsky (MERESCHKOWSKY, 1905); e a árvore da vida que serviu de logo para a II Conferência Internacional do Congresso de Eugenia (LAUGHLIN, 1923).

Figura 2 - A Árvore da Vida Darwiniana, de Ernst Haeckel (HAECKEL, 2012)



I, Feld: p m n q (19 Stämme)
 II, Feld: p x y q (3 Stämme)
 III, Feld: p s t q (1 Stamm)
 stellen 3 mögliche Fälle der
 universalen Genealogie dar

Radix
 communis
 Organismorum

Monophyletischer
 Stammbaum der Organismen
 entworfen und gezeichnet von
 Ernst Haeckel. Jena, 1866.



Figura 3 - A Árvore da Vida Simbiótica, de Konstantin Mereschkowski (KOWALLIK;
MARTIN, 2021)

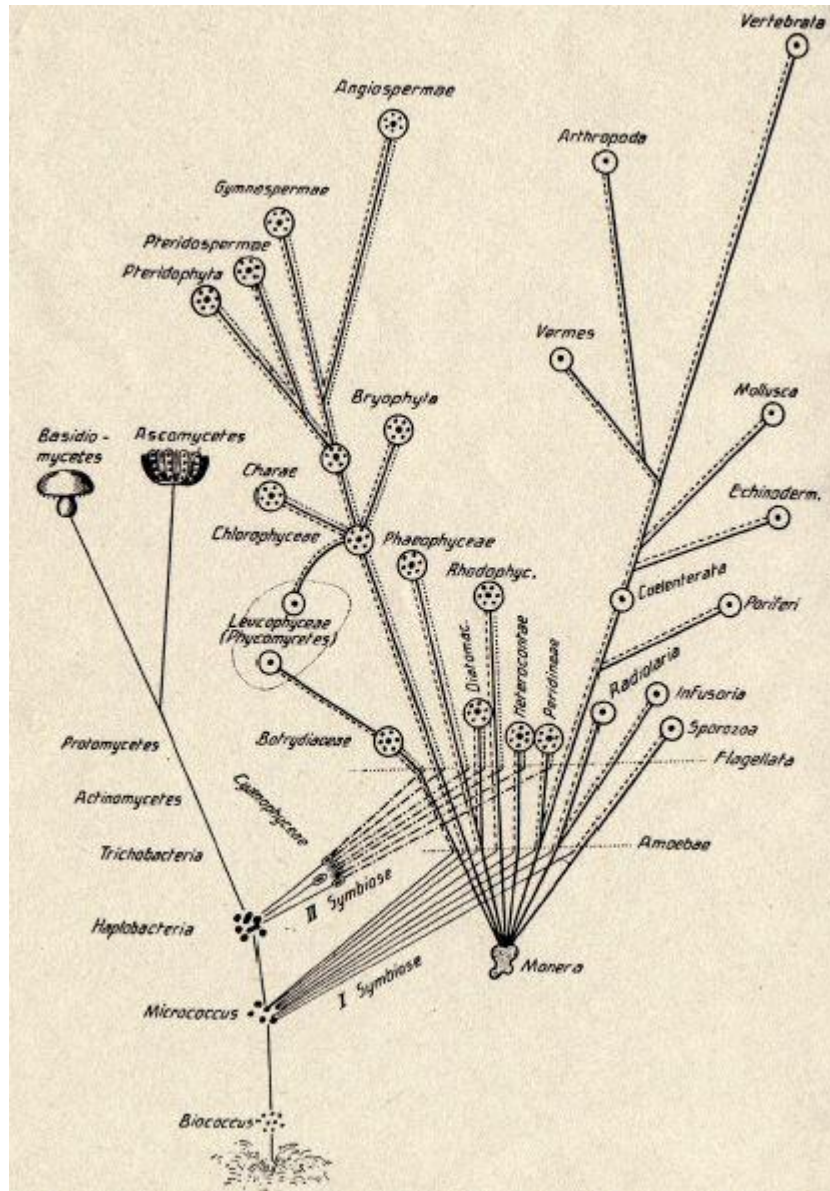
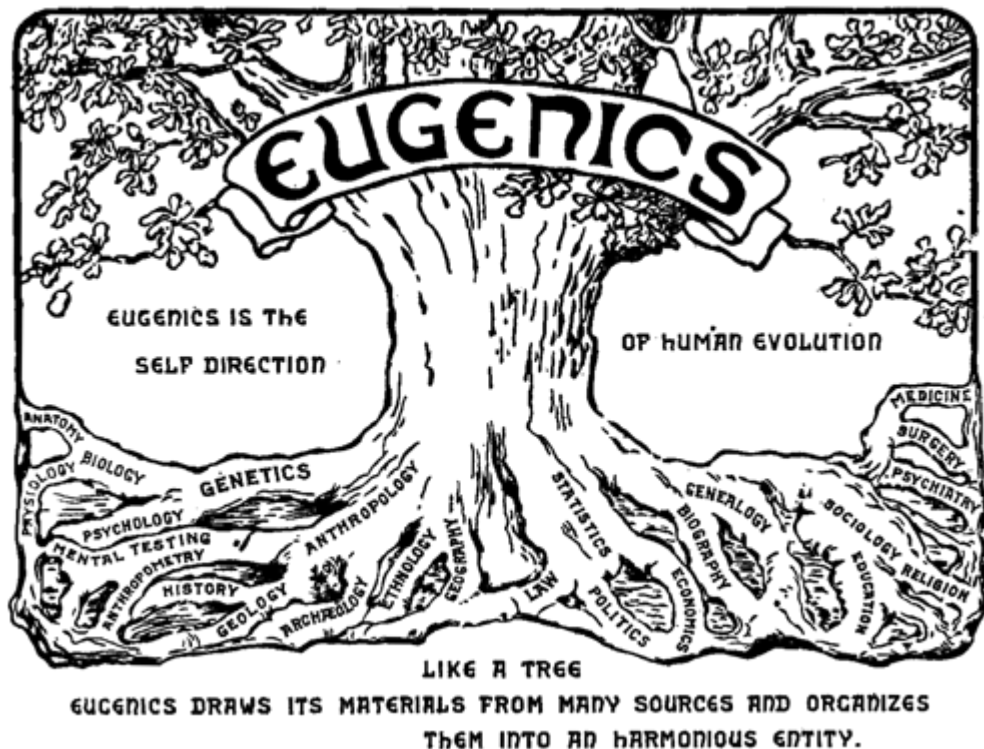




Figura 4 - A Árvore da Vida Eugênica, artista desconhecido (LAUGHLIN, 1923)



Clamo ao leitor que perceba a variação presente em cada uma das árvores da vida e suas eventuais conexões com o conceito de raça. Na primeira delas, a variação ocorre através da diferenciação por ramificação, ou seja, cladogênese - à natureza é preciso criar a partir de algo para se diferenciar, e a especiação, ou seja, o surgimento das raças, é na verdade o surgimento de sub-raças, e devo esclarecer o que isto significa: o prefixo “sub” é unicamente porque ela surge como descendente de um ascendente único, isto é, uma única raça, que seja a misteriosa e esotérica semente desta árvore da vida.

Com Mereschkowsky (2021), o paradigma muda completamente. Evidências de casos de simbiose no universo da vida são abundantes: micorrizas entre fungos e raízes de plantas, líquens que são simbiontes de fungos e algas, algas vivendo dentro de protozoários, esponjas, hidras, vermes e turbelários, diatomáceas com cloroplastos, organelas como cílios, plastídios e mitocôndrias. Nem mesmo os animais, os quais nós, os humanos, estamos incluídos, escaparam da simbiose universal: os *Metazoa* eram simbiontes de *Monera* com bactérias nucleadas (SAPP et al, 2002). E a moral, a inteligência, a consciência humana também era efeito de uma causa simbiote: as



estruturas cerebrais, como os microtúbulos do cérebro, são resultados da evolução de mitocôndrias (MARGULIS, 1999). Até mesmo a forma de vida que hoje consideramos como uma é uma simbiose de um dual a partir de formas de vidas metabólicas que se uniram com formas de vida replicadoras. A variação aqui ocorre por uma polifilogenia - a especiação acontecendo diferentes vezes e de diferentes maneiras.

Por fim, Galton, ele próprio um cientista polímata, com a árvore da vida eugenista, concedeu a ela um caráter multidisciplinar - a vida prescinde de inúmeras áreas para seu aperfeiçoamento, e de certo modo é atribuída às raças dominantes o papel de melhorias, e não mais à natureza em si.

Sociobiologicamente, o que temos a dizer sobre a questão, então?

Um modelo científico com maior embasamento na veracidade sociológica e biológica dos fatos deve considerar a plasticidade fenotípica, como argumentada por James M. Baldwin em seu famoso artigo (BALDWIN, 1896), a plasticidade genotípica, como a das mutações epigenéticas e da capacidade das proteínas e do DNA, bem como dos vírus e retrovírus de atuarem aproveitando das qualidades das suas vizinhanças dentro da alosteria. Por último e não menos importante, uma plasticidade sociotípica também, que esteja em conforme a um sistema de entropia social que caminha para um equilíbrio, mas cujo próprio equilíbrio seja variante. Isso significa, em relação às raças, que elas não sejam em si uma classe, mas que produzem efeitos sociais, como nas relações que colonizador e colonizado, mestre e escravo, comprador e mercadoria corporal de tráfico humano, consumidor e corpo prostituído.

Frantz Fanon, em *Pele Negra, Máscaras Brancas* conta sobre sua experiência psiquiátrica com os pacientes negros das Antilhas e como eles desenvolveram uma sorte de diversos complexos psicológicos após o contato com os franceses louros de olhos azuis e pele branca (FANON, 2008). De fato, esses complexos se intrincam em uma teia de relações que não sabemos onde começa a sensação de inferioridade por fator racial e termina por fator econômico, pois uma vez que essas relações se conectam, as setas de causalidade e efeito podem se inverter quando se queira. Logo, as conexões que se fazem entre raça com os fatores sociais são da natureza de uma panevolução cósmica, já que não são determinadas exclusivamente por um ascendente no passado causal, nem por argumentos inteiramente sociologistas nem biologistas.



Com isso, podemos partir de um outro ponto evolutivo, e que não seja necessariamente ilustrado pela linearidade anagênica de um diagrama da conhecida árvore da vida, mas de um que a socialização se origina da evolução tal qual a evolução se origina da socialização, e cuja ilustração não seja ecológica, mas cosmológica, aumentando seu lato escopo de ramificações por multiplicação e decomposição do indivíduo.

Assim sendo, antes da conclusão final, com a mesma modéstia que Darwin teve de dar algum comentário definitivo sobre a questão da origem da vida, mas impossibilitado aqui por esta questão ser indissociável do problema da raça, posso dizer que mesmo que existam mais de uma raça, isso de modo algum deveria fomentar algum tipo de discurso que legitime modernas formas de escravatura, colonização e racismo, mas justamente deve ser um elogio à diversidade.

Toda forma de vida acaba por evoluir de forma diferente dependendo do local onde evolui, de acordo com leis diferentes e evoluções que evoluem diferentemente, mas seja como for, se somos tão diferentes mas ao mesmo tempo tão semelhantes, isto só pode ter sido possível por aplicações gerais, instruções muito largas, não apenas mais largas do que os requisitos de uma dada espécie, mas mais largas ainda do que os requisitos de um planeta inteiro, um sistema solar e uma galáxia inteira, de modo que a vida, seja ela qual é e qual seja sua origem e sociabilidade, possa florescer e se misturar simpoieticamente em todas as criaturas (HOYLE, 1986).

Concluindo, o que a história do desenvolvimento epistemológico e científico do conceito de raça nos ensina é que, em última instância, o objeto das ciências sociais não é só o humano, nem o não-humano, mas todas as criaturas que, justamente em ordem do fato de serem sociais, por meio da aptidão de suas socializações socializaram entre si e convergiram para outros seres, hora mais sociais outrora menos sociais, mas que foi a sociedade que criou o homem, e não o homem que criou a sociedade.

Como diria Marx (2004), se o homem está submetido à lei da sobrevivência pura, e está morrendo de fome, à ele sua humanidade no ato de caçar e devorar o seu alimento é destituída, a ponto de nada diferir a atividade animal de comer em comparação à atividade humana em estado de luta pela sobrevivência nua e crua.



Encontramos, assim, a recapitulação da filogênese na ontogênese do homem em sua forma social: a forma como ele se encontra individualmente, eventualmente, miserável, ele se comporta exatamente como se comportaria nos precedentes de sua miserabilidade histórica, como também se comportaram seus parceiros econômico-sociais e genético-raciais.

Tarde (2013) ilustra a sociedade em evolução como um macaqueamento mútuo e acumulativo, diferentemente combinado em suas organizações, afim de produzir uma originalidade. Macaqueando-se em uma evolução que evolui e em compatibilidades, afinidades que ressoam uma a outra, não importando a época, como o carbono da hulha que está enterrada nas profundezas do solo e que, desde tempos imemoriais, desde o nascimento do tempo, possuía afinidade e compatibilidade pelo oxigênio, e que, com efeito, uma molécula de carbono possui afinidade não apenas com uma molécula de oxigênio, mas com todas elas em suas totalidades e infinitudes, de forma recíproca.

Assim sendo, este artigo busca lançar luz ao objeto científico das ciências sociais, nas suas noções tanto *a priori*, isto é, baseada no que se obtém das investigações empíricas do que é o ser social, quanto o *a posteriori*, o que se obtém das meditações metafísicas da socialização, fenômeno que se observa tanto na evolução biológica, a gravitação material e a relação diretamente social.

REFERÊNCIAS

- ARRHENIUS, S. **Die Verbreitung des Lebens im Weltenraum**. Umschau, 1903.
- ARENDR, H. **A Condição Humana**. Forense Universitária, 2007.
- BACHELARD, G. **A Formação do Espírito Científico**. Contraponto, 2005.
- BALDWIN, J. **A New Factor in Evolution**. The University of Chicago Press for The American Society of Naturalists, 1896.
- BURNET, J. **Early Greek Philosophy**. London: A & C Black, 1920.
- CHAGNON, N. A. **Nobres Selvagens - Minha Vida Entre Duas Tribos Perigosas: Os Ianomâmis e os Antropólogos**. Três Estrelas, 2014.
- DESMOND, A.; MOORE, J. **A Causa Sagrada de Darwin**. Record, 2009.



- DAWKINS, R. **Universal Darwinism**. Cambridge University Press, 1983.
- DYSON, F. **Infinito em Todas as Direções**. Editora Best Seller, 1988.
- ESPINAS, A. **Des Sociétés Animales: étude de Psychologie Comparée**. G. E. Stechert, 1924.
- FABIAN, J. **O Tempo e o Outro: Como a antropologia estabelece seu objeto**. Editora Vozes, 2013.
- FANON, F. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Editora da Universidade Federal de Bahia, 2008.
- GUYAU, J. **A Irreligião do Futuro: Estudo Sociológico**. Martins Fontes, 2014.
- GIDDINGS, FRANKLIN H. **Principes de Sociologie**. V Giard, 1897.
- GALTON, F. **Hereditary Genius**. Macmillan, 1914.
- GUMPLOWICZ, L. **The Outlines of Sociology**. Batoche Books, 1899.
- HOYLE, F. **O Universo Inteligente**. Editora Presença, 1986.
- HOYLE, F.; WICKRAMASINGHE, C. **Towards an understand of the nature of racial prejudice**. Journal of Scientific Exploration, 1999.
- HAMILTON, W. D. **The Genetical Evolution of Social Behaviour**. Journal of Theoretical Biology, 1964.
- HUXLEY, T. H. **Man's Place in Nature, and Other Anthropological Essays**. Londres: Macmillan, 1894.
- HAECKEL, E. **Generelle Morphologie der Organismen: allgemeine Grundzüge** (Éd.1866). Hachette Livre, 2012.
- INGOLD, T. **Estar Vivo: Ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição**. Editora Vozes, 2015.
- KROPOTKYN, P. **Apoio Mútuo: Um Fator de Evolução**. Biblioteca Terra Livre, 2021.
- KOWALLIK, K. V.; MARTIN, W. F. **The origin of symbiogenesis: An annotated English translation of Mereschkowsky's 1910 paper on the theory of two plasma lineages**. Elsevier, 2021.
- LEM, S. **Summa Technologiae**. Ediciones Godot, 2017.
- LILIENFELD, P. V. **Die Sociale Physiologie**. Forgotten Books, 2018.



LORENZ, K. **King Solomon's Ring**. New York: Crowell, 1952.

LAUGHLIN, H. H. **The Second International Exhibition of Eugenics Held September 22 to October 22, 1921, in Connection with the Second International Congress of Eugenics in the American Museum of Natural History, New York**. Baltimore: Williams and Wilkins Company, 1923.

LUKÁCS, G. **A Destruição da Razão**. Instituto Lukács, 2020.

MARX, K; ENGELS, F. **Manifesto Comunista**. Boitempo Editorial, 1998.

MARX, K. **Manuscritos Econômicos-Filosóficos**. Boitempo, 2004.

MOSCA, G. **La Clase Política**. Fondo de Cultura Económica, 1992.

MOSCA, G. **Elementi di Scienza Politica**. Nabu Press, 2013.

MARGULIS, L. **The Symbiotic Planet: A New Look at Evolution**. Phoenix, 1999.

ROEGEN, N. **O Decrescimento: Entropia, ecologia e economia**. Senac São Paulo, 2013.

SPENCER, H. **Primeiros Princípios**. X Machine, 2015.

SCHÄFFLE, A. **Bau und Leben des sozialen Körpers**. Tübingen Laupp, 1896.

SACKS, O. **Um Antropólogo em Marte**. Companhia das Letras, 1995.

SHAW, B. **Volta a Matusalém: Um Pentateuco Metabiológico**. Editora Melhoramentos, 1953.

SAPP, J; et al. **Symbiogenesis: The hidden face of Constantin Merezhkowsky**. History and Philosophy of the Life Sciences, 2002.

TARDE, G. **Fragmento de História Futura**. Cultura e Barbárie, 2013.

TARDE, G. **Monadologia e Sociologia e outros ensaios**. Editora Unesp, 2018.

WILSON, E. O. **Sociobiology: The New Synthesis**. Belknap Press, 2000.

WRANGHAM, R.; PETERSON, D. **O Macho Demoníaco**. Editora Objetiva, 1998.